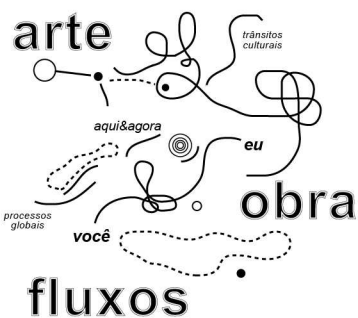


## EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS DO COMUM

**Barbara Peccei Szaniecki**

PUC-RJ (DOUTORANDA)

Em *Virtuosismo e Revolução*, Paolo Virno aponta o desaparecimento da distinção clássica entre trabalho (*poiésis*), ação política (*práxis*) e intelecto (“vida do espírito”) na contemporaneidade. Sabemos que a distinção clássica entre trabalho, ação e intelecto foi introduzida por Aristóteles e atualizada por Hanna Arendt para quem a ação política (*práxis*) enquanto intervenção sobre as relações sociais é imprevisível, o que a torna distinta do trabalho (*poiésis*) que, em sua produção de objetos, é previsível e repetitivo. Por outro lado, a ação política (*práxis*) com seu caráter imediatamente público se distingue do pensamento (*bios theoreticus*) que é silencioso e intra-subjetivo. Arendt atualizou a distinção de Aristóteles para afirmar que, no capitalismo industrial, a ação política foi colonizada pelo trabalho, isto é, passou a ser previsível e repetitiva. Virno se distancia da posição de Arendt quando afirma que, no capitalismo pós-industrial – ou capitalismo cognitivo, nos termos de Yann Moulier Boutang –, é o trabalho que se torna ação política quando se transforma em atividade sem obra e supõe a “exposição ao olhar alheio” entre outras características da ação política durante séculos. Virno se refere a consolidação de uma forma de trabalho que é imaterial por se caracterizar pela mobilização de aspectos intelectuais e afetivos com o intuito de capturar a cooperação entre os trabalhadores no seio da empresa. Ou seja, diferentemente da Antiguidade, a “vida do espírito” tem hoje um caráter “público”, mas



## XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

esse “público” que não diz respeito às coisas comuns mas a interesses privados provoca novas modalidades de submissão na empresa e o esvaziamento da política fora dela: a “esfera pública” é capturada, regulada, controlada. No campo da arte, vemos surgir a proposta de uma “estética relacional” de Nicolas Bourriaud. Em que medida propostas como essa escapam da captura, da regulação e do controle da empresa cultural que patrocina suas ações, ou do museu que abriga ao mesmo tempo em que institucionaliza as relações? A arte crítica dos anos 60/70, assim como a própria crítica da arte de ontem e de hoje, tem procurado enfrentar dilemas como esses. Segundo Jacques Rancière, eles são próprios do regime estético da arte. Com nosso artigo não nos conformaremos melancolicamente com esse quadro, pelo contrário, procuraremos investigar no Brasil experiências estéticas do comum a partir da teoria de Antonio Negri.

### **Imaterial, relacional, comum**